

Custo de produção de cana-de-açúcar na região Centro-Sul - Safra 2016/17

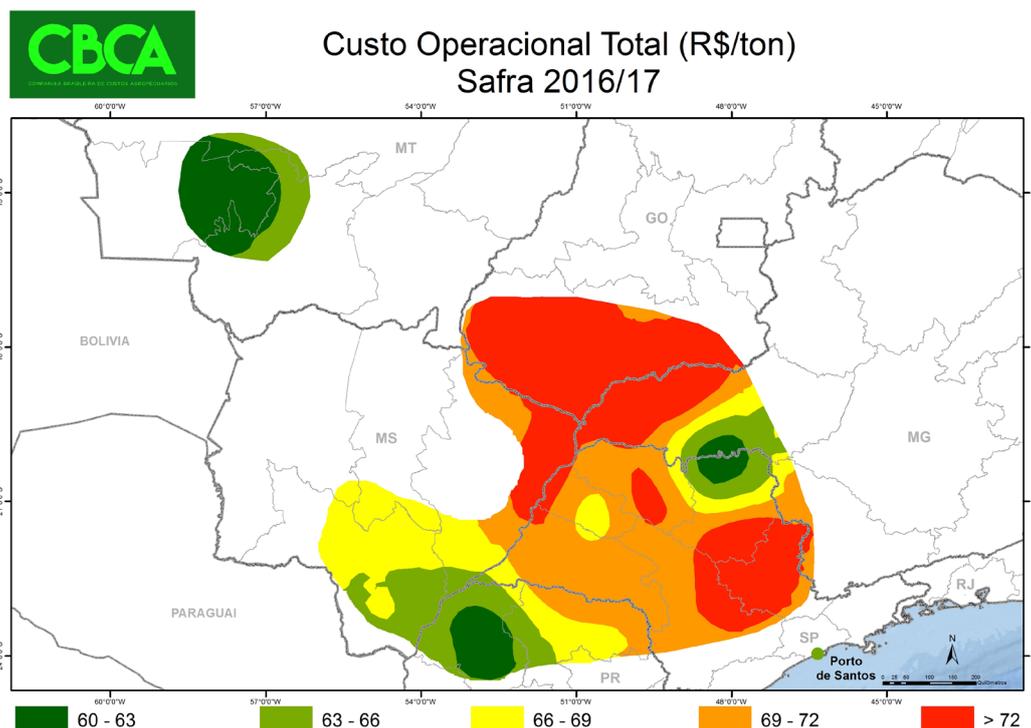
O levantamento de custos de produção de cana-de-açúcar de fornecedores na safra 2016/2017, realizado pelo Projeto Campo Futuro CNA em convênio com o PECEGE, abrangeu 40 regiões de produção no Centro-Sul canavieiro, em 6 diferentes estados, contando com a participação de mais de 300 produtores. A

seguir são apresentados alguns resultados do trabalho.

Na Figura 1 é ilustrado o custo operacional total (COT) de produção, que além dos desembolsos operacionais como insumos, mão de obra, maquinário e despesas administrativas, contempla

depreciações e pró-labore. A amplitude do indicador chama atenção, com valores entre 60 e 80 R\$/t. Tal fato pode ser atribuído a diferentes práticas no sistema de produção, além de variações na produtividade agrícola.

Figura 1 - Custo operacional total (R\$/t) de cana-de-açúcar por produtores na safra 2016/17



Fonte: Projeto Campo Futuro, 2017

Na Figura 2 é apresentada uma segunda análise dos custos de produção, ilustrados em função do kg ATR, incorporando a qualidade da cana na análise e permitindo uma associação mais direta com os

preços praticados. Considerando o valor de 0,6839 do CONSECANA -SP como referência de preço da matéria-prima na safra 2016/2017, observa-se que praticamente todas as regiões amostradas

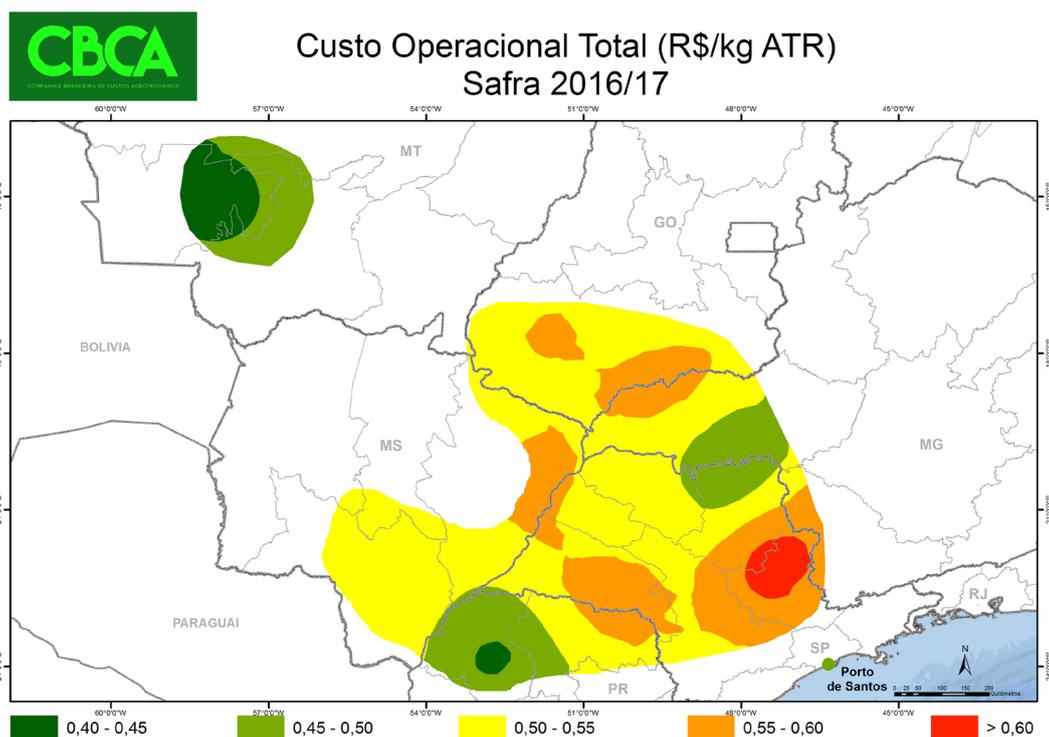
apresentaram rentabilidade positiva na produção de cana-de-açúcar. Os custos operacionais totais ficaram abaixo deste valor, concentrando-se, em torno de 0,50 a 0,60 R\$/kg ATR.

¹ Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil.

² Programa de Educação Continuada em Economia e Gestão de Empresas.

³ Açúcar total recuperável.

Figura 2 – Custo operacional total (R\$/kg ATR) de cana-de-açúcar por produtores na safra 2016/17.



Fonte: Projeto Campo Futuro, 2017

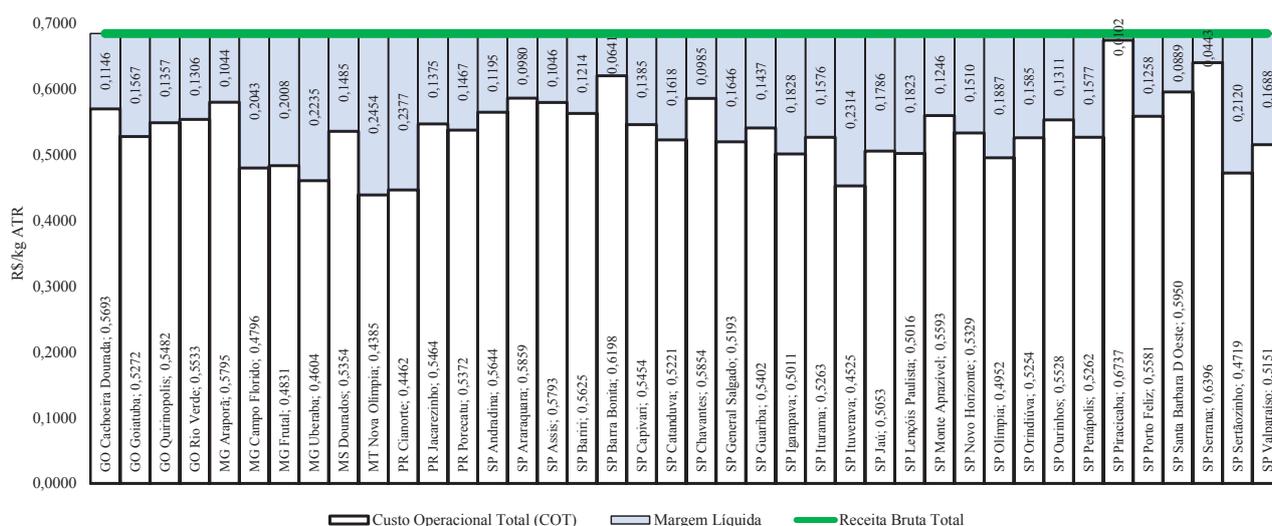
A Figura 3 apresenta a comparação do custo operacional total, da renda bruta e das margens líquidas para cada município analisado no levantamento. Para todas as regiões, observa-se uma margem líquida positiva, sendo definida como a diferença entre a receita bruta total e o custo operacional total. Por-

tanto, a receita bruta obtida é suficiente para pagar os desembolsos e remunerar o produtor.

O município que apresentou uma margem líquida mais elevada foi Nova Olímpia-MT, sendo de 0,2454 R\$/kg ATR, favorecido pelo menor desembolso com

mão de obra e tratos culturais. A menor margem foi de 0,0102 R\$/kg ATR, valor pertencente ao município de Piracicaba-SP, cujo valor é resultado dos altos custos operacionais do município, destaque para as despesas com operações de colheita e tratos de cana soca.

Figura 3. Comparativo do COT, margem líquida e da receita bruta total por municípios produtores na safra 2016/17



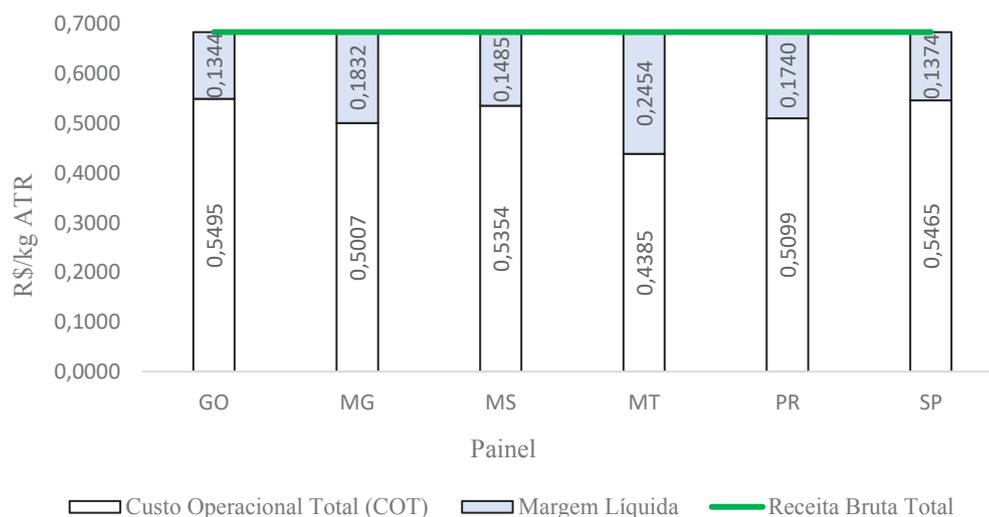
Na Figura 4 são apresentados o custo operacional total, a receita bruta e a margem líquida em R\$/kg de ATR por estados produtores. Como observado, em média, os estados de Goiás e São

Paulo tem as menores margens líquidas. Nesses estados os desembolsos com a operação de colheita, tratos de cana soca, compra e reparo de maquinário são os que mais influenciam nos custos

operacionais totais. Já o estado de Mato Grosso apresenta, em média, a margem líquida mais alta, significando menores despesas com benfeitorias, bem como os gastos com maquinário.

⁴ Conselho dos Produtores de Cana-de-açúcar, Açúcar e Etanol do Estado de São Paulo

Figura 4. Comparativo do COT, margem líquida e da receita bruta total (R\$/kg de ATR) por estados produtores na safra 2016/17



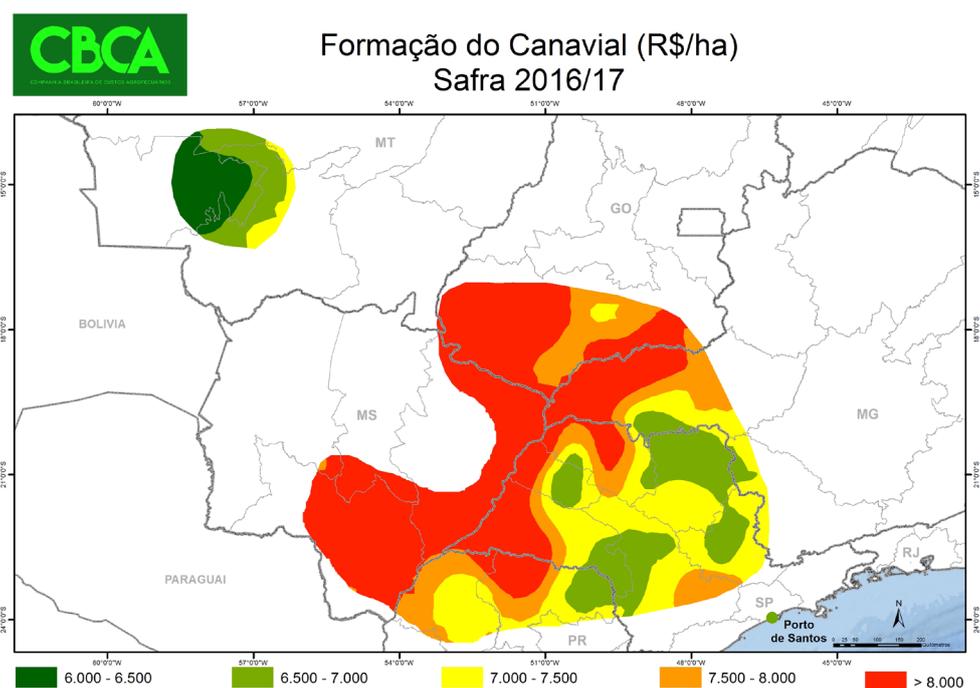
Custos por estágio de produção de cana-de-açúcar: safra 2016/17

De forma mais detalhada, nas ilustrações a seguir são apresentados os custos por estágio de produção, no caso, formação do canavial, tratamentos culturais de cana soca e colheita, respectivamente. A formação do canavial (Figura 5) é o estágio de maior variabilidade em termos de custos, com valores entre 6.000 e 8.000 R\$/hectare. As principais razões para tal são: i) diferentes práticas no preparo

solo, com registros de sistemas altamente intensivos, com elevado número de operações e, conseqüentemente custos maiores, enquanto outros adotam práticas mais conservacionistas, com pouca mobilização do solo, associando-se ao preparo mínimo; ii) plantio manual frente ao plantio mecanizado, no qual a principal diferença está na quantidade de mudas utilizada na operação, cerca

de 13 t/ha para o manual e 18 t/ha para o mecanizado. No caso, o plantio mecanizado é mais presente nas regiões de expansão canavieira, como noroeste de SP, MS, GO e MG, como ilustra a Figura 5, e; iii) utilização de diferentes cestas de defensivos nos tratamentos culturais, com variações em função de produtos e índices de pragas.

Figura 5 – Custo de formação do canavial (R\$/ha) por produtores na safra 2016/17.



Fonte: Projeto Campo Futuro, 2017

⁵ Compreende preparo de solo, plantio e tratamentos culturais de cana planta

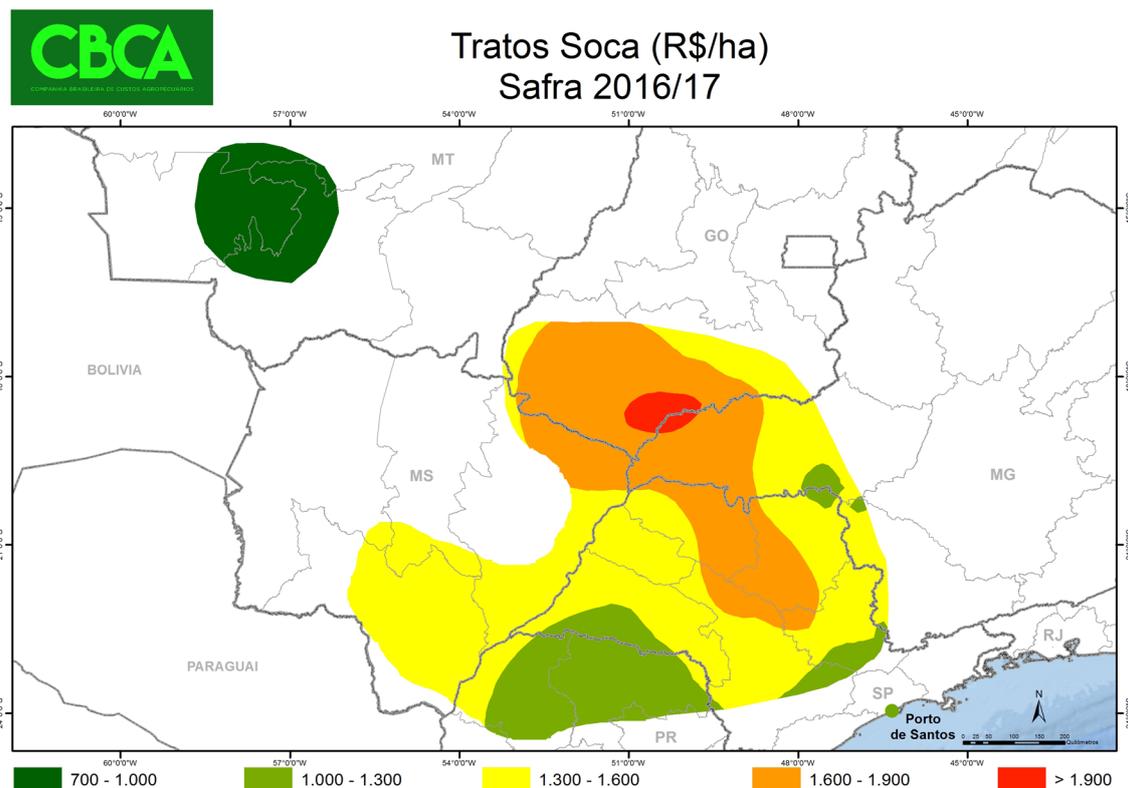
⁶ Valores absolutos, não ponderados no ciclo de produção.

Os custos com tratamentos culturais de cana soca (Figura 6), por sua vez, apresentam menor amplitude de valores, con-

centrados entre 1.300,00 e 1.500,00 R\$/ha. Na mesma linha que os tratamentos planta, as diferenças estão associadas

a produtos e doses aplicadas.

Figura 6 – Custo de tratamentos culturais cana soca (R\$/ha) por produtores na safra 2016/17.

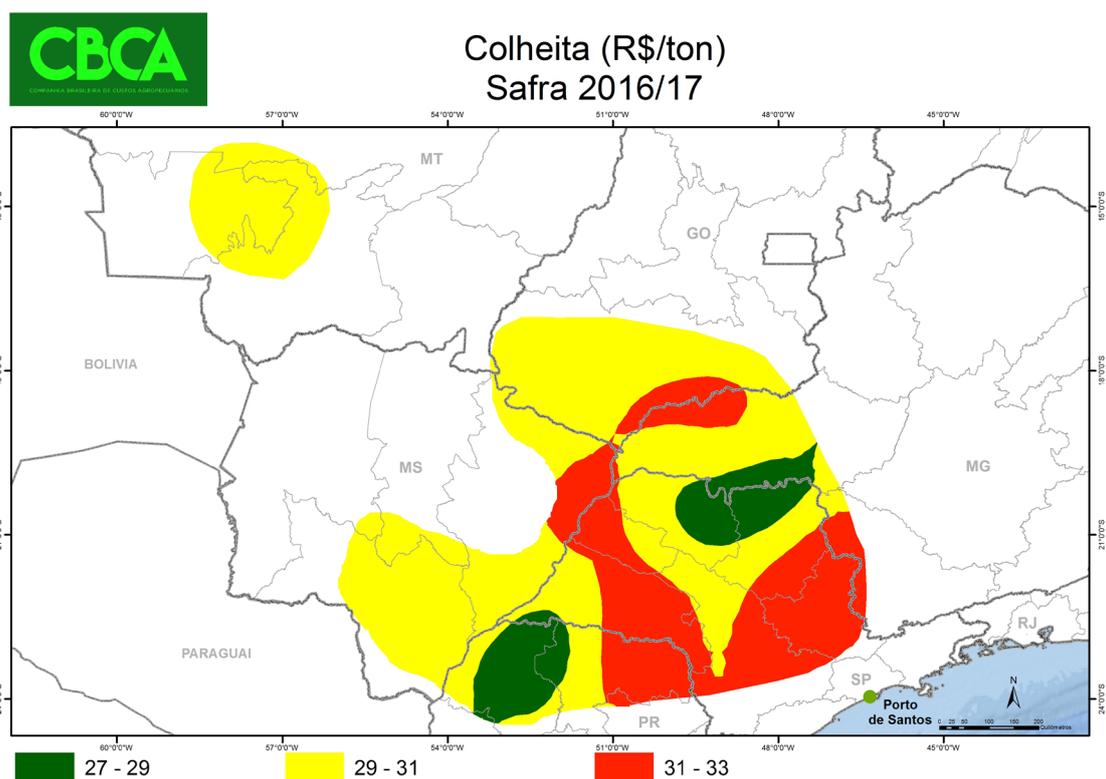


Os custos com colheita (Figura 7), que na avaliação econômica da atividade representam em torno de 40% dos dispêndios totais, apresentaram concentração de

valores entre 27 e 33 R\$/t, considerando um raio médio de captação de cana em torno de 25 km. No caso da colheita por parte dos produtores, outro ponto a

se observar é a terceirização da etapa de colheita, fato este observado em 90% das regiões visitadas.

Figura 7 – Custo do sistema de colheita (R\$/t) por produtores na safra 2016/17.



O impacto do arrendamento nos custos de produção de cana-de-açúcar: análise da região Centro-Sul

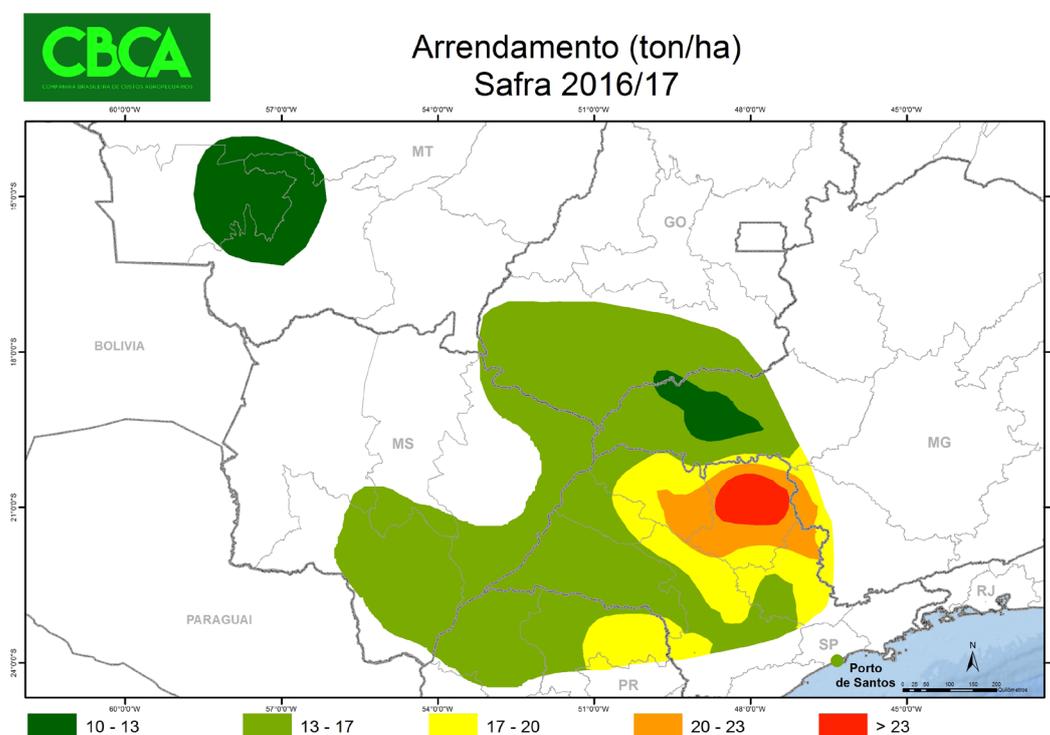
Em linhas gerais o arrendamento pode ser entendido como um aluguel da terra para produção. Como as negociações são pontuais e individualizadas, para fins de estudos e divulgação de resultados macro-regionais – como os apresentados anteriormente – o trabalho em questão considera produção apenas em área própria. Ainda assim, o arrendamento é realidade em diversas regiões produtivas, sendo incorporado nos custos de produção, po-

do, inclusive, assumir parcela significativa no custo operacional de produção. Ressalta-se ainda que os valores de arrendamento são utilizados como direcionadores para estimar o custo de oportunidade, partindo-se da premissa que caso o produtor não estivesse produzindo, poderia estar arrendando aos valores da região.

Na Figura 8 são apresentados valores de arrendamento praticados no Centro-Sul

canavieiro, utilizando como indexador a parcela da produção destinada, expressa em t/ha. Como se observa, a amplitude de valores chama atenção novamente, com registros de contratos entre 10 e 23 t/ha. Em linhas gerais, o estado de São Paulo apresenta os maiores valores, com destaque para a mesorregião de Ribeirão Preto, onde há uma maior concentração de unidades produtoras. 🌱

Figura 8 – Arrendamento (t/ha) na região Centro-Sul do Brasil



Fonte: Projeto Campo Futuro, 2017